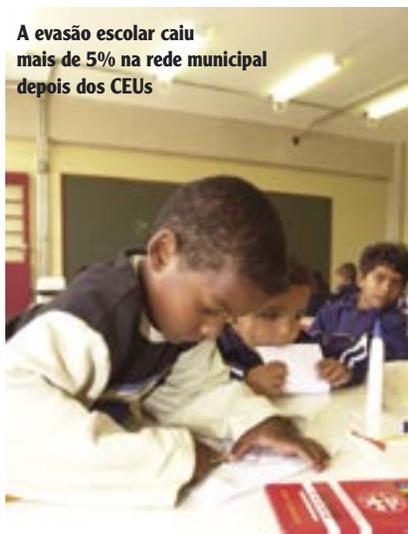


Pista de skate no CEU Jambeiro, no bairro de Guaianazes

# As coisas boas da vida

Beto Garavello

A evasão escolar caiu mais de 5% na rede municipal depois dos CEUs



*Os CEUs unem ensino, cultura e lazer, despertando a cidadania em áreas paulistanas de grande exclusão social*

A principal diversão de André Luis Neves é andar de patins, ao lado de amigos e conhecidos, na pista do Centro Educacional Unificado (CEU) na Rua Flores do Jambeiro, em Guaianazes, um bairro muito pobre na zona leste de São Paulo. A pista é freqüentada por ciclistas, skatistas e patinadores – sem contar a criançada que, curiosa, vai lá para ver as mano-

bras. Mesmo não estudando naquela escola, André é um de seus beneficiários. Ele se sente tão próximo, tão familiar, que não se conteve ao deparar com Antonio Barbosa de Souza, o gestor do CEU Jambeiro, que mostrava as instalações à reportagem. De forma muito polida, mas firme, o jovem, de 17 anos, falou em nome do grupo: “Boa tarde, senhor! Nós temos muitas sugestões.

Precisamos de uma arquibancada aqui, porque as crianças podem ficar expostas e se machucar. Falta um refletor numa das laterais – só um prejudica nossa visibilidade na hora das manobras. E por que o senhor não troca essa cantoneira de alumínio por uma de ferro, mais segura e resistente? A de alumínio já está descolando. Também estamos dispostos a organizar campeonatos, para unir mais o pessoal e arrecadar alimentos”. O gestor ouviu tudo, pediu paciência e prometeu encaminhamentos. Disse que o problema da cantoneira poderia ser resolvido em curto prazo. De todo modo, afirmou que as outras reivindicações serão analisadas.

É assim – com participação ativa da comunidade e consciência de cidadania – que funcionam os CEUs, uma proposta pioneira inaugurada pela prefeita de São Paulo, Marta Suplicy. Dezesete já estão em atividade, e mais quatro devem ser lançados este ano. Não é exagero dizer que sua implantação consolidou uma política educacional apropriada à capital paulista. O CEU só se tornou viável porque Marta deu prioridade, em seu mandato, à área de educação. Tudo começou em 2001, ainda nas primeiras semanas da nova gestão. A Câmara Municipal aprovou uma lei que elevou, de 25% para 31%, os gastos do orçamento em educação. O acréscimo, de ousados 6 pontos percentuais, incluía despesas com uniforme e materiais escolares de qualidade,



Michèle Perusso



Área externa do CEU Jambéiro

além de investimentos numa merenda especial, preparada por nutricionistas. Quem mais se beneficiou foi a população carente, com dificuldade para manter as crianças na escola. As famílias de baixa renda contaram, ainda, com o Renda Mínima. “Demos condições para que os alunos permanecessem nas escolas”, resume Cida Perez, secretária de Educação. “Não é assistencialismo. São políticas elaboradas com uma visão emancipatória.” Como a maioria desses programas requer frequência escolar, a taxa de evasão na rede municipal caiu 28,5% em 2001 e mais 23,3% no ano seguinte.

Em busca de qualidade, a prefeitura investiu na formação docente. Cerca de 3.500 professores ganharam bolsa de estudo para obter formação superior. Mais do que gerar aumento de 15% no salário, o diploma universitário valoriza formalmente o professor. Já o Projeto Vivências Culturais para Educadores estimulou o uso de múltiplas linguagens (como recursos audiovisuais e atividades artísticas) em sala de aula. De acordo com Cida, “o professor não pode ficar receitando conteúdo se isso não faz sentido para o aluno”.

Mesmo antes dos CEUs, a rede municipal de ensino já dialogava com as áreas de cultura e esporte, promovendo o Escola Aberta e o Recreio nas Férias – dois programas bem-sucedidos. Enquanto o primeiro garante atividades esportivas, culturais e educativas nos fins de semana, o segundo programa estende essas atividades a todo o período de férias. Mais de 600 mil estudantes já participaram.

**Inspiradores ilustres** – Marta Suplicy inaugurou, em 1º de agosto de 2003, o CEU Jambéiro – o primeiro a entrar em funcionamento. Cada uma das 21 unidades recebeu investimento de R\$ 17 milhões, tem 13 mil metros quadrados de área construída e se divide em três blocos: o didático, o cultural e o esportivo. No bloco didático, há um Centro de Educação Infantil (CEI), que corresponde a uma creche, e Escolas de Educação Infantil (EMEI) e de Ensino Fundamental (EMEF). Das 2.400 vagas oferecidas, 300 são para o CEI, 840 para o ensino infantil e 1.260 para o fundamental. Os CEUs têm se mostrado decisivos no combate à exclusão escolar. Em São Paulo, apenas 1,1% das crianças em idade escolar não estão



## A CORAGEM FAZ A DIFERENÇA

*A prefeita que derrotou o sindicato do crime muda o sistema de transporte, articula linhas de ônibus e investe em corredores*

**E**stranhamento, desconfiança, chateira geral – guerra! Marta Suplicy teve de lidar com muitas reações adversas quando decidiu transformar o sistema de transporte de São Paulo. Contra a prefeita estavam, sobretudo, os perueiros clandestinos e a máfia instalada no sindicato dos motoristas de ônibus – uns e outros se aproveitando, ilicitamente, de uma situação caótica e irregular. As empresas de ônibus chegaram a pagar “ajuda de custo” para que dirigentes sindicais fizessem greve, a fim de pressionar a prefeitura. A máfia foi desmascarada em 2003 e 15 dirigentes sindicais foram parar na prisão, acusados de crimes como corrupção, propina e até homicídio. “Para a prefeitura, foi uma disputa desgastante, mas corajosa e inevitável”, afirma Jilmar Tatto, secretário de Transporte. No final, Marta venceu e implantou um sistema moderno, coerente e organizado.

As medidas priorizaram o transporte coletivo dentro do sistema viário. Para efetuar a integração tarifária e operacional, a prefeitura promoveu uma licitação para consórcios de empresas e cooperativas que incluiu operadores antes clandestinos. A frota, responsável pelo transporte diário de 3,5 milhões de passageiros, foi modernizada. Dos 15 mil veículos em circulação, 7.245 foram comprados durante a gestão petista, entre 2001 e 2004. Nunca um prefeito de São Paulo tinha renovado sequer a metade disso.

Em maio de 2003, com mudanças nas linhas de ônibus e lotação, co-



David Rego Jr.

meçou a vigorar a primeira fase do novo sistema. Nos meses seguintes, o sistema apresentou o Bilhete Único e o Passa-Rápido – as duas principais inovações na área de transportes. Instalado nos canteiros centrais de vias movimentadas, o Passa-Rápido consiste em corredores exclusivos onde circulam pelo menos 50 ônibus por hora, monitorados por satélite. O primeiro corredor a ser inaugurado liga dois bairros da zona oeste (Pirituba e Lapa) ao centro. O Bilhete Único é uma das realizações mais elogiadas da gestão petista. Trata-se de um cartão eletrônico inteligente que tem créditos em dinheiro e substitui os vales-transporte de papel. Num período de duas horas, o usuário paga uma única passagem e pega quantas conduções quiser. Até maio de 2004, foram distribuídos 475 mil cartões para idosos e 385 mil para estudantes – os primeiros beneficiários. A previsão é de que, até o fim do ano, mais de 2,5 milhões de passageiros utilizem o Bilhete Único.

**Reforma da pista expressa de ônibus na Avenida 9 de Julho em São Paulo**

matriculadas. E mais: uma mãe já pode escolher qualquer escola da rede municipal para seu filho estudar. Do ponto de vista pedagógico, os CEUs são idênticos às outras escolas da prefeitura.

A grande novidade é que esses complexos não visam apenas à inclusão escolar. Além de biblioteca (com cerca de 10 mil volumes) e Telecentro (munido de 20 computadores, com acesso à internet), o conjunto cultural de cada CEU comporta um teatro capaz de receber 450 espectadores. Há piscinas, quadra poliesportiva, ginásio coberto, salão de ginástica e pista de skate. Por conta dessa infra-estrutura, volta e meia a imprensa chama os CEUs, pejorativamente, de “escolões”, tentando igualá-los aos malfadados Centros Integrados de Atenção à Criança (CIACs), do ex-presidente Fernando Collor, e aos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), do ex-governador do Rio de Janeiro Leonel Brizola. Mas a concepção e as diretrizes da iniciativa petista revelam um projeto maduro, com clara fundamentação teórica.

“Não é um blefe eleitoreiro”, afirma Cida Perez. “O CEU traduz um con-

ceito de educação inclusiva, integrada. Seu projeto parte das idéias de Anísio Teixeira, Paulo Freire e Mário de Andrade.” Em comum, esses três pensadores combatiam os sistemas tradicionais de ensino e propunham uma educação cidadã. De Paulo Freire os CEUs herdaram o princípio de respeito ao aluno. Freire difundiu a idéia de que é preciso incorporar os conhecimentos que a criança traz para a escola e promover, assim, uma educação emancipadora. Anísio Teixeira e Mário de Andrade defendiam a construção de centros educacionais com áreas para recreação, monitoradas por professores. Dessa forma, a escola poderia educar os alunos em período integral, permitindo que eles desenvolvessem espontaneamente suas habilidades.

**Metrópole desigual** – Até certo ponto, é natural que essa proposta inovadora tenha surgido em São Paulo, a cidade brasileira mais dotada de centros esportivos e opções culturais. Menos de 10% das cidades brasileiras têm cinema, mas numa única via paulistana – a Rua Augusta – há dez salas de exibição de filmes. Só que a metrópole é desigual. Por isso, na hora de definir os bairros onde os CEUs seriam construídos, a prefeitura escolheu os bolsões de miséria – áreas urbanas com baixíssimo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). De uma tacada só, a proposta aliou educação participativa e políticas

## Com os filhos sempre perto

Trabalhar no CEU incrementa a renda familiar e aproxima mães e filhos. “Arrumei um bom emprego e, de quebra, posso acompanhar minhas crianças”, conta **Helen Fernandes**, de 33 anos, que antes cuidava exclusivamente da casa de quatro cômodos onde mora com a família, na Avenida Nordestina, em Guianazes. Embora tímida, a funcionária não esconde o sorriso quando narra os avanços que o CEU Jambeiro proporcionou a seus filhos, Alef e Aline, de 9 anos, e Amanda, de 2. “Aqui as crianças têm cursos, computadores, piscinas”, afirma Helen. “Meus filhos ficaram dinâmicos, já tomam mais iniciativa e se sentem mais responsáveis. Agora, eles até querem voltar sozinhos para casa.”



Michele Perusso

de inclusão social. “O CEU começou a ser pensado como local não só destinado à educação formal, mas um lugar agradável”, diz Cida Perez.

É o caso do CEU Jambeiro, cravado às margens da maior favela do distrito de Lajeado, em Guaianazes. A favela é composta de moradias irregulares e o bairro, que sofre com a violência, carece nitidamente de infra-estrutura. Na área de 12.991 metros quadrados ocupada pelo CEU, havia antes um brejo e um campo de futebol

abandonado. Era lá que ladrões largavam carros roubados e viciados consumiam drogas. Desde a inauguração, o CEU virou um oásis. Apesar do entorno deteriorado, lá não há sinal de vandalismo.

Quando há contratemplos, os usuários se dispõem a resolver o problema. Muitos brinquedos foram danificados no dia de inauguração do CEU Jambeiro, devido à multidão que quis conhecer a escola e ver o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a prefeita Marta Suplicy. Nos dias seguintes, foram promovidas oficinas de reconstrução de brinquedos. As crianças ajudaram. Os Centros Educacionais Unificados são boas alternativas de emprego para a comunidade. Só no setor de limpeza, cada CEU tem 84 funcionárias – todas terceirizadas. Elas ganham, em média, R\$ 380, além de cesta básica. “Não conheço nenhuma funcionária de limpeza no Jambeiro que precisa tomar ônibus para vir trabalhar”, diz a coordenadora Érica Alves. “Todas moram pertinho.”

**André Cintra**, de São Paulo



Entre as atividades da escola integral, há até aulas de violoncelo

David Rego Jr.